

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESCARTES, René. **Discurso do método**: as paixões da alma, meditações, objeções e respostas. 5. Ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991 (Os Pensadores).

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia da ciência humana. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

GASSET, Y Ortega. **Em torno a Galileu**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.

MACHADO, Roberto. **Ciência e saber**: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

NIETZSCHE, Frederico. **Humano demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PAVIANI, P. **Escrita e linguagem em Platão**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. 4.ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003

Revisado por

Essas relações são estabelecidas entre instituições econômicas e sociais. A criação do objeto se dá pela necessidade de o homem falar dos seus comportamentos, das suas regras, das técnicas, foram essas necessidades que permitiram a criação dos objetos das suas modificações e relações. Foucault as chamou de relações primárias, pois elas não dependeram de outras criações para existirem.

Houve uma necessidade de se criar um discurso e os demais discursos decorrem desse primeiro discurso, esse primeiro discurso pode se dizer que é um discurso real, a partir dele vem o discurso secundário que é o pensar, o refletir sobre o discurso primeiro e assim cria-se então as relações discursivas, por isso é chamada de relação, uma depende da outra.

As relações discursivas oferecem os objetos dos quais falamos. Elas determinam os discursos e a partir daí pode-se abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los, etc.

As relações caracterizam os discursos práticos e as suas unidades estão presentes nas próprias práticas discursivas, e para que essas relações se estabeleçam é preciso que haja um conjunto de regras, sendo que elas devem estar de acordo com as práticas discursivas.

Cada unidade discursiva precisa estabelecer o estilo da análise, o objeto já está fixo, mas suas relações podem ser analisadas, especificadas.

Mas entendamos: não são os objetos que permanecem constantes, nem o domínio que formam; nem mesmo seu ponto de emergência ou seu modo de caracterização; mas o estabelecimento de relação entre as superfícies em que podem aparecer, em que podem ser delimitados, analisados e especificados. (FOUCAULT, 1999, p. 53-54).

Podemos ver então que, quando Foucault (1986) explica o aparecimento dos saberes, a partir de condições de possibilidades externas aos próprios saberes situa-os como peças de relações de poder que ele chama de "genealogia" termo usado em seu livro "Surveiller et punir" usado também em "La volonté de savoir" ele usa o poder como instrumento de análise capaz de explicar a produção dos saberes e a relação entre poder e saber, portanto existe situação central e periférica de poderes".

"o poder produz; domínios de objetos e rituais de verdade" (MACHADO, 1981, p.193)

Analisar finalmente as grades de especificações trata-se dos sistemas segundo os quais separamos, opomos, associamos, reagrupamos, classificamos, derivamos umas das outras, as diferentes "loucuras" como objeto de discurso psiquiátrico. Essas diferenciações foram no século XIX, o grupo de faculdades hierarquizadas, mais ou menos interpretáveis, órgãos ligados por dependência e de comunicação; a vida e a história dos indivíduos. (FOUCAULT, 1999, p. 48).

As descrições são insuficientes por dois motivos, pois ao relacionar, classificar, nomear, eleger, recobre uma trama de palavras e frases e não as normas, as proibições que determina, por exemplo na psiquiatria, os loucos como doentes, um delírio paranóico, etc.

O discurso é diferente, pois depende do lugar, das colocações, há uma diferenciação dos vários discursos.

Os objetos pertencentes ao registro de delinquência ao homicídio, os crimes etc., as mesmas não são conseqüências de descobertas, muitas estão além da pesquisa, e o problema é saber o que as tornaram possíveis, como essas descobertas puderam ser seguidas de outras que as retomaram, corrigiram, modificaram ou anularam.

Segundo Foucault (1986) todos esses processos ocorreram, mas não puderam por si mesmos formar objetos para o discurso psiquiátrico foi empregado um conjunto de relações determinadas e são relações que permitem a formação de todo um conjunto de objetos diversos.

"Essa formação é assegurada por um conjunto de relações estabelecidas entre instâncias de emergência, de delimitação e especificação". (FOUCAULT, 1986, p. 50)

Segundo Foucault (1999) as formações discursivas são formadas a partir das relações entre vários setores da sociedade, como por exemplo na política, na medicina, na arte, etc. Esses setores existem por causa da necessidade dos indivíduos, só que esses vários setores tem objetos específicos e os homens construíram e constroem seus discursos a partir desses objetos, lembrando que essas formações discursivas se relacionam, devido a relação do homem, e o mesmo estabelece semelhanças, exclusão e modificações em torno dos objetos.

Através das condições históricas pode-se perceber as semelhanças, diferenças, as transformações acerca dos objetos, por esse motivo não se pode isolar época, criar coisas novas fica difícil quando não conhecemos as bases do passado, os discursos não existem por si mesmos, as formações dos objetos estão ligadas aos primeiros objetos formados no passado.

O dom das palavras faz com que o homem construa uma ciência, histórias fantásticas, mundos maravilhosos, o mesmo pode até criar inverdades e as transformar em verdade. Um exemplo claro desse poder, é a Segunda Guerra Mundial, que representou com certeza um grande confronto bíblico entre potências da sociedade industrial. E o primeiro exemplo envolvendo uma potência socialista, sendo que nenhuma outra guerra mobilizou técnico e humano de modo tão significativo, incluindo idéias capazes de canalizar sentimentos e arregimentar multidões. Não se faz guerra sem consciência ideológica, mesmo que essas idéias sejam pobreza intelectuais.

Percebe-se que a linguagem é insuperável do homem, segue-o em todos os seus atos, sendo um instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade, ela é um instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado.

É na linguagem e através dela que se definem a verdade e a falsidade, a sinceridade e a mentira, a clareza e o erro, o real e o ilusório.

Mesmo sabendo que a linguagem é inseparável do indivíduo, nota-se que há uma diferenciação nos graus de racionalização nos códigos conceituais e nas teorias, fruto das diferentes sociedades e épocas, visto que o homem foi e é capaz de criar diferentes formas de discursos.

No século XIX os discursos foram constituídos pelo grupo social mais próximo, como o meio de trabalho, a comunidade religiosa, etc.

Foi nessa época que apareceu pela primeira vez, objeto de demarcação, de descrição e de análise, isso possibilitou o domínio de se definir, aquilo que se fala.

A medicina, uma instituição regulamentada como conjunto de indivíduos que constituem o corpo médico, como saber e prática, competência reconhecida pela opinião pública, tornou-se no século XIX a instância superior e ela na sociedade distingue, nomeia e instaura a loucura como objeto.

Só que a mesma não foi a única a representar esse papel, pois a justiça e principalmente a justiça penal, fez definições de escusa, como o uso de noções como: crime passional, de perigo social.

As autoridades também estabeleceram decisões que separaram o místico do patológico, o espiritual do corporal, etc.

Na medida em que essa prática vai aumentando os indivíduos caminham para um conhecimento das ações e dos próprios indivíduos.

enunciativos podem trazer à luz o funcionamento mútuo, sua determinação recíproca, e sua transformação independente ou correlativa, com isso somos capazes de descrever sem limites, todas as relações que possam aparecer.

A análise dos acontecimentos discursivos não está limitada, e o domínio de determinados discursos não podem ser considerados como válidos e absolutos.

O progresso maior e mais importante que foi atingido no desenvolvimento da linguagem. É o desenvolvimento da linguagem que permite que coloquemos as hipóteses fora de nós"... "Mas com o desenvolvimento torna-se possível separarmos de nós as hipóteses e colocarmos-as diante de nós. E assim se nos torna possível combatê-las em vez de nos destruirmos uns aos outros. (POPPER apud PAVIANI, 1993, p. 12).

Não se pode individualizar e estabelecer relações descritível e constante, pois, o discurso é constituído de todos os enunciados, existem diversas correlações. Só que o conjunto de enunciados está longe de se relacionar com um único objetivo formado de maneira definitiva, os objetos dos discursos são modificados devido a transformação do objeto, e eles não são fixos.

"Nos séculos XVII e XVIII o objetivo que foi colocado como seu correlato, não é idêntico ao objeto que se delineia através das sentenças jurídicas ou das medidas policiais, não se trata das mesmas doenças nem dos mesmos loucos" (FOUCAULT, 1999, p. 36).

As unidades dos discursos são jogos de regras que definem as transformações dos diferentes objetos, é uma junção das repartições dos diferentes objetos, não se trata dos mesmos objetos nem dos mesmos enunciados.

As unidades discursivas constituem um objeto até transformá-lo, pois o mesmo é feito no espaço onde diversos objetos se relacionam e se transformam, recortados por medidas de discriminação na vida prática, as unidades dos discursos são transformações acerca dos diferentes objetos através do tempo, das rupturas e das descontinuidades.

Para definir essas relações entre enunciados é feito um encadeamento por um corpus de conhecimentos, com uma mesma visão das coisas, hipóteses, escolhas e decisões.

Podemos definir também as relações entre os enunciados através de certos estilos, tradições, observações, um certo corpo de conhecimento que supõe a mesma visão das coisas.

A linguagem pode ser definida e constituída pelo conjunto de todos os enunciados efetivos quer tenham sido falados ou escritos em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um.

Só é possível constituir e definir enunciados através da análise de todos os enunciados efetivos, ou seja, fazer uma descrição dos acontecimentos discursivos para buscar as unidades dos enunciados. Para fazer essa descrição é preciso analisar a língua, estabelecer um sistema lingüístico para construir enunciados diferentes.

O campo dos acontecimentos discursivos é um conjunto finito e limitado, com regras lingüísticas formuladas através da análise da língua, pode-se então descobrir através delas, como o enunciado foi constituído.

As descrições discursivas se opõem à história do pensamento, não se constitui sistemas de pensamento através de conjuntos definidos de discursos.

Se tratarmos podemos encontrar a intenção do sujeito falante, a atividade inconsciente, o que ele realmente quis dizer, jogo inconsciente que emerge involuntariamente, trata-se reconstituir outro discurso, podemos então perceber a alegoria em relação ao discurso utilizado.

A análise é orientada através da compreensão, das condições de existências, fazendo correlações com outros enunciados e mostrados a outras formas.

O mesmo capta as transformações, as criações, cria discursos e faz análises através dessas oscilações, desse desvio do olhar. Seus discursos são duvidosos por serem criados por temas de pensamentos volúveis, desregrados, superficiais e substanciais sem se preocupar com a essência.

Por mais banal que seja um enunciado é sempre um acontecimento, nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente, está ligado a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, os acontecimentos estão ligados não apenas a situações que a provocam, mas também por conseqüências ocasionadas por ele mesmo, com enunciados que o procedem e o seguem.

Os mesmos podem deixar de ser relacionados, quando se isolam a língua e os pensamentos, sabendo que as relações entre os enunciados são usadas para descrever neles e fora deles através dos jogos de relações.

Quando nos libertamos, dos agrupamentos naturais, imediatos e universais temos a possibilidade de descrever outras unidades. A interpretação dos fatos

As dificuldades em analisá-la começam com o limite e a individualização de obras, conceitos, de determinados autores, as unidades discursivas não são homogêneas, suas proposições jamais serão nítidas, não se pode ficar preso a determinadas obras. As produções estão presas a sistemas de remissões variadas, as relações não podem ser entendidas como idênticas, sua unidade variável é relativa.

Quando propomos algo, estamos demonstrando que analisamos outros contextos, outras épocas. O homem precisa conhecer para propor, negar, aceitar ou justificar algo, por si só não é capaz de formular conceitos, seus conceitos dependem de conceitos já existentes.

Para analisar algo não basta juntar textos e obras publicadas por determinados autores, estes permanecem inacabados, o nível de entendimento é muito profundo, mais do que imaginamos, todos são escritos de acordo com a imaginação, experiências, pensamentos inconscientes do autor de acordo com determinações históricas e essas também estão presas e ao estudá-los não se pode considerá-los como conceitos verdadeiros.

“Na ordem do discurso, a irrupção de um acontecimento verdadeiro, que além de qualquer começo aparente, há sempre uma origem secreta” (FOUCAULT, 1986, p. 28).

Mesmo quando estamos analisando tais discursos, jamais veremos o que o autor realmente quis dizer, um tema se liga a um outro e todo discurso manifesto repousa secretamente sobre um já dito e muitas das vezes os discursos não-ditos são sem corpos, vazio e supondo que todo discurso é formulados sobre coisas que já foram ditas e coisas que nunca foram ditas, estes se encontram articulados no meio-silêncio, quando analisamos a história do discurso buscando apenas as repetições, deixando a origem histórica escapar, essa análise é vaga, deixando a desejar, precisamos deixar de acolher como verdadeiros discursos superficiais, análises sem rigor e contextualização histórica.

Precisamos problematizá-los, sacudir conceitos já ditos, eles não se justificam por si mesmos, precisa-se construir outros conceitos, liberando problemas, levantando outras estruturas, é preciso reconhecer que uma teoria não pode ser elaborada sem que apareça sua pureza não-sintética.

por eles, como por exemplo, um médico usa o hospital, seus objetos específicos, as doenças estudadas etc.

Sem dúvida o que Foucault (1999) tenta nos mostrar no século XVII e XVIII a razão era subordinada pela razão moral, classificatório característico das modalidades científicas da época "O mesmo princípio que se encontra na base da percepção serve também de critérios na ordem do conhecimento.

"O emprego dos conceitos de descontinuidade, de ruptura de limiar, de limite, de série, de transformações, coloca qualquer análise histórica, não somente questões de procedimento, mas também problemas teóricos" (FOUCAULT, 1986, p. 23).

Quando fazemos uma análise histórica, formulando, empregando conceitos, surgem problemas históricos devido as transformações próprias de cada época, devido a cultura, as influências oriundas de cada sociedade, fazendo surgir discursos, proposições diferenciadas e cabendo ao homem libertar-se dos conceitos criados, pois muitos colocam tais conceitos como verdadeiros, sem contestá-los, relacioná-los, isolando-os e permanecendo neles, sem duvidar da sua originalidade.

Percebe-se que ao fazer uma análise rigorosa, somos capazes de descobrir onde há coerência, mudança dos acontecimentos, ela permite ver o que aconteceu com mais clareza, surge então uma consciência mais livre de pré-conceitos. Aos poucos o homem é capaz de desfazer mentiras tidas como verdadeiras, inquestionáveis, mas para que isso aconteça é preciso que o indivíduo se inquiete diante dos grandes tipos de discursos como na ciência, literatura, história, religião, etc. Ele não está seguro no mundo dos discursos, devido as transformações dos discursos nas diferentes épocas.

Eles jamais poderão ser analisados isoladamente, devido suas relações complexas.

"A linguagem... é figuração do mundo" (Wittgenstein, 1994, p. 42).

Segundo Wittgenstein (1994) a linguagem é o espelho do mundo, o que se reflete na sua natureza, por esse motivo a realidade só pode ser compreendida através da linguagem e esta depende de cada povo, seu modo de vida, cultura e religião, portanto as colocações das proposições, o emprego das palavras dependem do contexto vivenciado, sua análise depende do contexto em que está sendo empregada ou estudada.

Como podemos perceber, as rupturas são analisadas por Foucault a partir das descrições dos conceitos, dentro dos próprios discursos, com o objetivo de ver as compatibilidades e as incompatibilidades. Quando ele fez essa análise das formações discursivas de determinadas épocas “épistémé” ou região, descobriu a descontinuidade, encontrou então a heterogeneidade dos saberes particulares.

Na visão foucaultiana, a Arqueologia é o conjunto de saberes caracterizado, a partir de interrelações conceituais estabelecidas em determinadas épocas, como por exemplo, a medicina da época clássica impedia o progresso do conhecimento “é uma medicina classificatória” (MACHADO, 1981, p. 99). Essa medicina privilegiou o olhar, um olhar que não penetrou na profundidade das coisas para desvelar um espaço oculto e obscuro das coisas.

Assim sendo, faz-se necessário aparecer o que ele mostrou com sua arqueologia, a razão dessa época não era produtora de conhecimento, estava subordinada a elaboração teórica anterior, o saber era constituído através da percepção. Vimos então que o saber acompanha as transformações econômicas, políticas e religiosas.

A dominação sobre sofrendores e seu reino, a ela o encaminha seu instinto, nela ele tem sua arte mais própria, sua maestria, sua espécie de felicidade. Ele próprio tem de ser doente, tem de ser aparentado desde o fundamento aos doentes e enjeitados, para entendê-los para se entender com eles; mas também de ser forte, mais senhor ainda sobre si do que sobre os outros, ileso, em especial, em sua vontade de potência, para ter a confiança e o medo dos doentes, para poder ser para eles amparo, resistência, esteio, coação, mestre de disciplina, tirano, Deus. (NIETZSCHE, 2000, p. 280)

Em seu livro HISTORIE DE LA FOLIE ele faz a análise da loucura, uma análise do discurso teórico, percebe então que o controle dos loucos e dos saberes, estavam ligados pelas práticas sociais e estas eram privilegiadas “a doença é um conjunto de sintomas capazes de serem percebidos pelo o olhar” (MACHADO, 1981, p. 104), a doença era definida por uma estrutura visível, um olhar superficial, que não pretendia penetrar na profundidade. Os discursos montados nessa época eram normatizados por essas práticas, nota-se então que as formações das modalidades enunciativas, são diferenciadas a partir dos grupos hierárquicos, como o poder político, judiciário, religioso etc, uma vez que as modalidades enunciativas são formadas a partir desses grupos, as formações discursivas são formuladas segundo seus próprios modelos, esses formadores conseguem montá-los no ambiente vivido

Os discursos, portanto, não têm princípios de unidade. Foucault entende que os discursos devem ser analisados como uma pura dispersão. Ao nível dos tipos enunciativos Foucault diz "não se tem uma única forma, é preciso então descrever uma coexistência de formas diversas. (MACHADO, 1981, p.162/3).

Fica aqui bem claro, que o ponto de partida de *L'archeologie du savoir* é a análise através das diversas dispersões.

Percebe-se que Foucault (1986) fez análises arqueológicas de discursos e abordou-os em nível anterior de sua classificação, sendo que essa análise foi feita sem respeitar a distinção entre os vários tipos de discursos. A história arqueológica estabelece relações conceituais ao nível do saber, sem privilegiar a questão de verdade. Ela investiga as condições de existência dos discursos através da análise dos próprios discursos em várias épocas.

Não deixa de lado a sociedade, a economia, etc., mas estrutura essa matéria de outra maneira: não os séculos, os povos nem as civilizações, mas as práticas; as tramas que ela narra são a história das práticas em que os homens enxergam verdades e das suas lutas em torno dessas verdades. (VEYNE, 1998, p. 280).

Por mais absurdo que possa parecer, infelizmente, as formações discursivas acabam nos impondo, discursos semelhantes aqueles dos súditos, são formados a partir das coisas ditas, onde indivíduos que funcionam, mas não pensam. Por esse motivo convido a todos para uma reflexão em torno dessas formações e transformações discursivas de Foucault (1986).

As teses discursivas de Foucault (1999) condensa sua preocupação a cerca da continuidade, da qual havia feito estudo, sendo que não reconhecia mais o progresso na história, e sim uma sucessão descontínua de várias "épistémé" (épocas).

Sendo a descontinuidade um dos temas principais da Arqueologia do saber, pois reafirma sua atenção às diferenças, e ao sistema que as possibilita, entretanto esse estudo bate de frente com a história das idéias que busca a continuidade. Para que isso acontecesse ele relacionou a ruptura com sua teoria do discurso, definindo transformações que se produz nas formações discursivas. "a ruptura é o nome dado às transformações que atingem o regime geral de uma ou de várias formações discursivas" (MACHADO, 1981, p. 180).

FORMAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES DISCURSIVAS EM MICHEL FOUCAULT

O homem.. ele não reflete num cogito, ao ato do pensamento pelo qual o capta... vai desta pura captação ao atravancamento empírico, a ascensão desordenada dos conteúdos ao desvio das experiências que escapam a si mesmas, a todo o horizonte silencioso do que dá na extensão movedia do nosso pensamento. (FOUCAULT, 1999, p. 445)

Esse grito foucaultiano em favor do homem, visa retirá-lo do lamaçal que os vários pólos que o poder colocou-o, pois ele não consegue captar e ver as transformações, as criações, além do mais, cria discursos e faz análises através dessas oscilações, desse desvio do olhar, muitos discursos, são duvidosos por serem criados a partir de pensamentos volúveis, desregrados, superficiais e substanciais sem se preocupar com a essência.

A batalha dele é explícita na sua obra e é em virtude do conjunto de saberes caracterizado a partir de interrelações conceituais estabelecidas em determinadas épocas. O ideal arqueológico é falar de relações entre os objetos, entre os tipos enunciativos, entre os conceitos e as estratégias, para que apareçam as emergências, as transformações e as individualidades (MACHADO, 1981, p.165), significa uma análises dos discursos feita sem obedecer as tradicionais distribuições dos vários discursos, considerando as praticas sociais, ou seja, ver as relações dos discursos com essas práticas, econômicas, políticas e institucionais, abordados em nível anterior à sua classificação em tipos.

Nota- se então que Foucault (1996) rejeita os marcadores tradicionais de unidade de discurso, pois segundo ele "elas nem sempre existiram...o que faz a unidade de um discurso não é o objeto a que ele se refere" (MACHADO, 1981, p. 161), no seu livro "Historie de la folie" a loucura foi construída pelo que se disse a seu respeito, pelo conjunto dessas formulações. A necessidade aqui proposta é mostrar que organização de um discurso é feita por um grupo de enunciações heterogêneas em coexistência em uma disciplina, contanto que a unidade desse discurso não pode ser buscada num sistema fechado de conceitos, pois um tema pode ser encontrado em vários tipos de discurso, como por exemplo a história natural do século XVII e biologia do século XIX, ambas falam do estudo dos seres dos vivos .

RESUMO

O meu objetivo neste artigo é analisar as formações e transformações discursivas em Michel Foucault, ou seja o aparecimento de saberes a partir de condições de possibilidades externas aos próprios saberes.

Palavras-chave: Análise; Transformações; Rupturas; Poder; Linguagem.

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
CURSO DE FILOSOFIA

TEREZINHA ALVES DE LIMA



FORMAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES DISCURSIVAS EM MICHEL FOUCAULT

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Filosofia, sob a orientação do professor José João Neves L. B. Vicente.

RUBIATABA-GO
2007

30635
Soe/ru

Tombo nº	12710
Classif.:	130
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	22-3-07

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
CURSO DE FILOSOFIA

TEREZINHA ALVES DE LIMA

**FORMAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES DISCURSIVAS EM
MICHEL FOUCAULT**

RUBIATABA-GO

2007